

Ensaio sobre a construção social da santidade: o caso popular de santa Leocádia

Thiaquelliny Teixeira Pereira ¹

Resumo

A santificação popular é uma prática tradicional que existe desde o início da era cristã. Os primeiros a serem santificados foram os mártires, depois os confessores e os ascetas; atualmente, santificam-se diferentes tipos de personagens em diversas partes do mundo. Mesmo com os esforços da Igreja, ela não consegue controlar todas as santificações. Novos santos continuam surgindo alheios ao seu controle. No Brasil, na cidade de Guanambi, no estado da Bahia, há o caso de santa Leocádia, assassinada em 1890, aos 16 anos de idade. Trata-se de uma personagem não canonizada, analisada aqui como fato concreto da santificação popular, que apesar de ser uma prática antiga e comum, ainda não é bem compreendida.

Palavras-chave: Catolicismo Popular, Devoção, Santa Leocádia, Santificação Popular, Santos.

Sobre a construção social da santidade

De acordo com a perspectiva teológica cristã, toda santidade emana de Deus. Em Levítico², pode-se ver o homem sendo convocado a imitar a Sua santidade. “Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel. Tu lhes dirás: Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou santo” (Levítico 19:2). Diante de tal chamado surge um importante questionamento: como poderá o homem, que é apenas pó e cinza, como Abraão reconheceu ser diante de Deus,

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: thiaquelliny@hotmail.com. Mesa 45 – Teorías y epistemologías en el estudio de las religiones.

² No que se refere aos livros bíblicos, utilizo como referência a Bíblia de Jerusalém por acreditar que ela é a melhor edição da Bíblia já traduzida para o português. A Bíblia de Jerusalém é a edição da francesa *Bible de Jérusalem*, titulada assim por ser fruto de estudos feitos pela Escola Bíblica de Jerusalém. Sua tradução parte dos textos originais, ela ainda oferece introduções e notas científicas que tratam, entre outras coisas, de referências geográficas, históricas, literárias, culturais.

Gênesis 18:27³, ser santo? A resposta cristã encontra-se no mistério da Santíssima Trindade. “Na trindade eterna, o Filho reflete integralmente o esplendor do Pai, porque o Pai nada reserva para Si, e tudo dá ao Filho. Mas o próprio Filho nada guarda para Si mesmo e, por amor, dá-se todo inteiro ao Pai.” (Douillet, 1960, p 20). Para que a natureza humana pudesse enfim ser santificada, foi necessário à vinda de Jesus Cristo, o filho de Deus. Foi dessa forma que Jesus foi anunciado a Maria pelo anjo Gabriel. “O anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.” (Lucas 1:35).

Jesus Cristo é a referência de santo para os cristãos católicos. O apóstolo Paulo se diz imitador de Jesus e invoca os homens a serem também. “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (Coríntios 11:1). Somente “em Cristo”, fórmula defendida pelo teólogo Douillet, é que o homem comum, profano, poder-se-á tornar-se santo. Os primeiros grandes imitadores de Cristo foram os mártires. “A palavra “mártir” vem do grego *márturos*, que significa “*testemunho*”. Ao sofrerem o martírio, os primeiros cristãos davam testemunho de sua inteira entrega a Deus.” (Augras, 2005, p.17). Eles morriam não só por Cristo, mas também como ele, daí o sentido da fórmula “em Cristo”, um selo de total submissão àquele considerado como o grande santo. Ao devotarem a Jesus Cristo com heroísmo, os mártires passaram a ser considerados pelos primeiros cristãos como verdadeiros santos. Destarte, surgiram os primeiros santos⁴. No início da era cristã, os seguidores de Jesus eram perseguidos não só por determinação do império romano, mas também por judeus que temiam a heterodoxia judaica e não simpatizavam com a seita cristã. Acredita-se que o primeiro mártir foi o diácono Estêvão, apedrejado até a morte, acusado de blasfemar contra Moisés e contra Deus, Atos dos Apóstolos 6:8-14, Atos dos Apóstolos 7:58-60⁵.

³ “Disse mais Abraão: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza.”” (Gênesis 18:27).

⁴ Os santos mártires são representados com uma folha de palmeira como prova de seu martírio. As folhas de palmeira são simbólicas, para os romanos elas representam a vitória. Essas folhas foram utilizadas para saudar Jesus em sua entrada triunfal em Jerusalém, episódio conhecido como domingo de Ramos, dia que dá início a Semana Santa.

⁵ “Estêvão, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo. Interviram então alguns da sinagoga chamado dos Libertos, dos cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com o qual falavam. Subornaram então alguns para dizerem: “Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus”. Amotinaram-se assim o povo, os anciãos e os escribas e, chegando de improviso, arrebatarem-no e o levaram à presença de Sinédrio. Lá apresentaram testemunhas falsas que depuseram: “Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu” ” (Atos dos Apóstolos 6:8-14). “E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: “Senhor Jesus, recebe meu

Os martírios contribuíram para fortalecer a coesão e a convicção religiosa das primeiras comunidades cristãs. Todos os mártires eram vistos como exemplos a serem seguidos e reconhecidos como santos por essas comunidades. Martírio e santidade gozavam basicamente do mesmo significado para o imaginário cristão daquela época. “A devoção aos mártires emergia espontaneamente como fruto de entusiasmo e de veneração dos fiéis que os consideravam heróis da cristandade perseguida” (Jurkevics, 2004, p. 111). Nem todos os cristãos declarados eram condenados à morte pelo martírio, muitos deles eram perseguidos, torturados, enclausurados etc. Esses eram conhecidos como confessores, pois confessaram publicamente sua fé em Jesus Cristo mesmo com o risco de perderem a própria vida. A perseguição romana aos cristãos só acabou com a chegada de Constantino I (324-337) ao poder. Segundo a lenda, Jesus teria aparecido para ele e lhe prometido vitória na batalha caso o cristianismo fosse adotado como a única religião do “mundo civilizado” e que o símbolo da cruz fosse alçado de forma triunfante na batalha (Fo; Malucelli; Tomat, 2007). Após Constantino vencer a Batalha de Ponte Mílvio, ele legalizou o cristianismo, adotando-a como a religião oficial do Império. Com o fim da perseguição, os confessores foram libertados e passaram a gozar de grande popularidade, sendo reconhecidos também como santos, semelhantemente aos mártires.

Após os mártires e confessores os ascetas passaram a ser considerados pelos cristãos da época como santos também. Os ascetas eram os campeões do jejum e da vigília. Eles viviam em constante penitência voluntária, tinham uma vida cheia de privações devido às restrições auto-impostas e eram, por tudo isso, considerados heróis da fé. O estilo de vida dos ascetas simbolizava um martírio realizado todos os dias. Mesmo antes de falecerem, os ascetas já detinham a atenção e a admiração dos cristãos. “O sepultamento desses atletas da penitência passou a revestir-se de tanta solenidade quanto a deposição dos corpos martirizados.” (Douillet, 1960, p 76). Contudo, diferentemente dos mártires e dos confessores que mostraram publicamente a fé em Jesus Cristo sob a pena de perderem a própria vida, como se poderia saber que na privacidade os ascetas também levavam tal fé ao extremo? A resposta encontra-se na taumaturgia, a capacidade de operar milagres. Santo Agostinho defendia que os milagres eram sinais do poder divino e prova de santidade. Além da boa reputação a qual eles gozavam, os ascetas eram julgados merecedores de culto pelos milagres

espírito”. Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: “Senhor, não lhes leve em conta este pecado”. E, dizendo isto, adormeceu.” (Atos dos Apóstolos 7:58-60).

verificados, sobretudo postumamente em seus santuários e/ou por intermédio de suas relíquias⁶.

Todos esses casos de santificação, mártires, confessores e ascetas, eram tratados popularmente, tendo o aval do bispo local. Somente a partir do século XI e da Reforma Gregoriana, o papado reagiu, reservando-se o direito de proceder com as santificações. Para tanto, instituiu-se um processo de canonização em que apenas o Papa tem o poder de decretar quem é santo. O Papa Urbano VIII, diante da enorme quantidade de canonizações anteriores ao seu mandato, concedeu aos cultos locais o benefício da prescrição centenária, uma tolerância a todas as canonizações anteriores ao ano de 1534. O processo de canonização da Santa Sé foi progressivamente precisando-se até adquirir a forma atual, com o Código de Direito Canônico e reformas do Papa Bento XIV. Após a morte, momento em que o cristão não tem mais como pecar, e de passar pelo rigoroso processo de canonização, é que se pode receber o parecer papal. Desse modo, se positivo, o santo ganha um lugar de honra nos altares e um dia do ano para a veneração litúrgica.

De acordo com o bispo Servilio Conti (1997), em cada época da história da Igreja surgiram, providencialmente, novos modelos de santidade conforme as necessidades dos tempos; contudo, ele destaca que há modelos de santidades que se repetem, em diferentes momentos, denotando a permanência ou a retomada de alguns perfis (Conti, 1997, p 516). Mesmo com os esforços da Igreja, ela não consegue controlar as santificações populares. Novos santos continuam surgindo em todo o mundo alheios ao seu controle. O estereótipo do martirizado ainda é comum, mas existem muitos personagens santificados popularmente que não seguem esse padrão.

No Brasil, a santificação popular acontece no que se pode chamar de catolicismo popular. Maria Isaura de Queiroz (1968) afirma que no país existem dois tipos de catolicismo, o catolicismo oficial e o catolicismo popular, que se divide em urbano e rural. É neste último que concentro a atenção. Segundo a socióloga, “o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimento religioso.” (Queiroz, 1968, p. 105) Com isso, elementos do catolicismo oficial, trazido pelos poucos sacerdotes, e do catolicismo popular praticado em Portugal, trazido pelos colonos portugueses, se transformaram de acordo com as necessidades da população local. É na comunhão religiosa, denominada de catolicismo popular rural,

⁶ De acordo com o glossário jurídico-canônico do Código de Direito Canônico, relíquias, *reliquiae*, é: “o que resta do corpo, dos vestidos ou dos objectos que pertenceram a um santo ou a um beato”. (Código do Direito Canônico, 1983, p 393).

enfraquecida de corpo eclesial e doutrinário que rabisco uma construção social da santidade de Leocádia, uma personagem brasileira.

Leocádia: breve hagiografia

Entende-se por texto hagiográfico aquele que se dedica ao estudo de um personagem que é tratado como santo, seja ele oficial ou popular, como afirma André Vauchez (1981, 1991), pesquisador precursor do estudo sobre o tema. A hagiografia é anterior ao processo de canonização, teve início com os escritos sobre os mártires, ainda na era da igreja primitiva. No exercício hagiográfico, a memória é fundamental para a sua construção. Assim como nos primeiros escritos hagiográficos, para a construção textual sobre Leocádia, me baseio, sobretudo, mas não somente, na memória transmitida pela oralidade, acessível por meio de entrevistas realizadas durante as pesquisas de campo do doutorado, o qual este artigo é fruto. Sustento-me na teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1950), que defende que a memória individual não está encerrada em si mesma, mas axiomada em diferentes contextos os quais o indivíduo está envolvido. O sociólogo afirma que a memória individual não funcionaria se o indivíduo não recorresse a ideias, ambientes, linguagem etc, que não os pertence, mas que ele toma emprestado da sociedade. Assim, o indivíduo⁷ é dependente da coletividade e pensa coletivamente; sendo assim, a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva. Esta é constituída de um amplo sistema formado de contextos sociais da memória, originário da consciência que se relaciona com o cotidiano que reflete suas próprias condições de ordem, de religião, tradição, linguagem... Provavelmente seja essa a razão pela qual os bolandistas, grupo de jesuítas fundado no século XVI pelo padre Jean Bolland com a finalidade de examinar os textos hagiográficos, não dissociam a cultura da hagiografia.

É importante destacar que a memória coletiva não se limitada aos mecanismos de lembrar e esquecer, associações que são comumente feitas quando se aborda o tema da

⁷ Maurice Halbwachs (1950), para a construção da teoria da memória coletiva, buscou inspiração no pensamento durkheimiano, especialmente no que se refere à constituição do sujeito. Emile Durkheim (1912) conceitua o sujeito como um homem duplo constituído por dois seres: um individual/orgânico, de ação limitada, e outro social. Halbwachs inspira-se nesse sujeito durkheimiano e o molda para aplicá-lo em sua teoria da memória coletiva. Para ele, semelhantemente ao pensamento durkheimiano, coexistem dois seres no sujeito: um sensível, que apenas reflete limitadamente parte do ambiente, e outro social, que extrapola a reflexão e interfere no ambiente ao formar uma opinião baseada em outros ambientes e/ou em outros testemunhos de ambientes. É nesse ser, em que coexistem o ser sensível e o ser social, que a memória se manifesta. O indivíduo só é capaz de refletir a partir do momento em que se sente parte de um grupo. É por isso que, por exemplo, segundo ele, não é possível lembrar-se da nossa primeira infância, pois, nesse momento, ainda não nos socializamos.

memória. De fato, ela pode ser constatada em quaisquer tipos de relações sociais, por meio dos incontáveis contextos sociais da memória. Sendo assim, ela apresenta-se disponível para a construção hagiográfica não apenas por meio de depoimentos, individuais e/ou coletivos, mas também por meio das diversas manifestações religiosas, crenças, cultos, orações, ladainhas, cartas, poemas etc. Tendo como base a teoria da memória de Maurice Halbwachs (1950), as materialidades usadas aqui – literatura de cordel, poemas, livros de escritores locais –, são tomadas como exemplares da memória coletiva e utilizadas para a construção hagiográfica que se segue.

Leocádia saiu do vilarejo de Brejinho das Ametistas e foi para Guanambi, interior do estado da Bahia, quando a cidade ainda era conhecida pelo nome de vila Beija-flor, no ano de 1889. Ela foi para a vila, assim como muitas outras pessoas, a maioria escravos libertos pela Lei Áurea⁸, para trabalhar na construção manual da represa do rio Belém, obra conhecida na época pelo nome de tapagem.

A notícia dessa construção se espalhou por toda a região por causa, principalmente, dos tropeiros. Isso porque a vila era um lugar de entroncamento, passagem obrigatória para esses trabalhadores viajantes, que iam em direção às cidades de Caetetê (atual Caitité), Palmas de Monte Alto, Rio de Contas, por exemplo, e espalhavam a notícia por onde passavam. O rio Belém era o principal do lugar e na época da estiagem suas águas ficavam escassas, por isso a necessidade da represa. As tarefas dessa empreitada eram divididas pelo sexo. Os homens ficaram responsáveis por cavar a terra com pá e encher as gamelas – grandes vasilhas de barro ou madeira –, que eram carregadas pelas mulheres em cima de suas cabeças em direção ao rio, onde a terra era despejada para formar uma contenção. Era no local de trabalho que todos se alimentavam e recebiam como pagamento pelos seus serviços um pedaço de rapadura, típico doce feito do caldo da cana-de-açúcar.

Leocádia morava na casa de sua madrinha, Joana, escrava liberta, na rua Sete Portas, uma das poucas ruas da vila, habitada por pobres, ex-escravos e prostitutas. As moradias eram simples, feitas de taipa e em esquema de mutirão. Primeiro se fazia a estrutura com varas de madeira amarradas com cipó, depois era preparada a massa, com barro, palha de arroz⁹, água e óleo de mamona, abundante na região. O óleo também era utilizado nos candeeiros para

⁸ A Lei Imperial nº 3.353, conhecida também como Lei Áurea, foi a responsável por abolir a escravatura no Brasil. Ela foi sancionada em 13 de maio de 1888, em homenagem ao nascimento de D. João VI e assinada por sua bisneta, Dona Isabel, princesa imperial do Brasil. O Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravatura.

⁹ A palha do arroz provinha das grandes plantações do Gentio, que atualmente corresponde ao distrito de Ceraíma, pertencente ao município de Guanambi, distante cerca de 15 quilômetros do centro.

iluminar as casas, já que não havia energia elétrica, e na preparação da massa ele evitava que ela, ao secar, rachasse, aumentando a sua durabilidade. Os ingredientes – barro, palha de arroz, água e óleo de mamona – eram misturados e pisados com os pés. Com a massa pronta, a estrutura era preenchida, ou seja, barreada. Dessa forma foram construídas as casas e bordeis da rua. O nome da rua deriva da estrutura desses bordéis, que tinham várias portas para que os seus clientes pudessem entrar e sair com uma maior descrição, por isso o nome rua ser Sete Portas. Nessa rua também localizava o cemitério da vila. Apesar de Leocádia morar nesse ambiente, com fama de promíscuo, ela é descrita como uma moça respeitosa, honrosa, trabalhadora e muito religiosa, do tipo que participava ativamente das atividades religiosas locais, principalmente das novenas e penitências, que eram feitas sempre ao redor do cruzeiro de aroeira, monumento de forte simbolismo religioso, situado no centro da vila, posto como marco de sua fundação.

Leocádia é caracterizada como uma linda jovem branca, de cabelos castanhos lisos e longos, olhos amendoados e de corpo esbelto. Seu biótipo se destacava em relação aos outros trabalhadores da construção da tapagem, formado, na imensa maioria, por afrodescendentes. O coronel José Pedro Dias Guimarães¹⁰ era quem comandava tal construção e, em certo momento, presenteou-a com uma fazenda, tipo de tecido fino comumente usado para a confecção de vestido. Na época, o coronel era casado com dona Raquel, descrita localmente como uma mulher maldosa, invejosa, muito ciumenta e sem limites morais. Ao saber do presente que o seu marido havia dado, ela ordenou a dois capangas, Marcolino e Sebastião, que matassem Leocádia e que lhe trouxesse um de seus seios.

De acordo com a literatura local, na manhã de 23 de fevereiro de 1890, Leocádia, 16 anos de idade, saiu sozinha da casa de sua madrinha para lavar roupas, era costume da época as pessoas irem aos lajedos¹¹ e/ou a beira do rio para lavarem suas vestes. No lajedo Caiçara, Leocádia foi assassinada pelos capangas Marcolino e Sebastião que deceparam um de seus

¹⁰ Os Guimarães era a família mais influente da vila de Beija-flor. José Pedro Dias Guimarães era filho de José Dias Guimarães, dono da fazenda Carnaibas de Dentro, cuja parte do território deu origem a vila de Beija-flor. Esse faleceu no ano de 1868 e antes de morrer pediu aos filhos que doassem a parte da sua fazenda onde os menos favorecidos haviam fixado moradia para Santo Antônio, santo mais venerado do lugar e que é o atual padroeiro de Guanambi. Em 8 de maio de 1870, Joaquim Dias Guimarães, filho mais velho do falecido e, portanto, irmão de José Pedro Dias Guimarães, doou a parte ocupada da fazenda para paróquia de Palmas de Monte Alto, município que comandava a região, distante 42 quilômetros da vila. Dez anos depois, em 1880, pela lei provincial nº 1979 de 23 de junho, foi criado o distrito de paz de Beija-flor. Em janeiro de 1881 instalaram, no centro da vila, atual praça Gercino Coelho, um cruzeiro feito de madeira de aroeira como forma de oficializar a sua existência. O monumento religioso funcionava como marco da ocorrência das manifestações religiosas do lugar, era ao redor dele que aconteciam novenas e penitências.

¹¹ Lajedo: superfície natural rochosa.

seios. O corpo foi jogado no maior dos três caldeirões¹² do referido lajedo, amarrado a uma pedra pelo arreio da cela do cavado de Marcolino para evitar que ele boiasse.

Dona Raquel, assim que recebeu o seio dos seus capangas, dirigiu-se para a cozinha e dispensou a criadagem, argumentando que ela mesma iria preparar o almoço para o seu marido. Tal comportamento chamou a atenção, já que ela não tinha o costume de fazer tarefas domésticas. Sozinha, ela cozinhou o seio e quando o coronel José Pedro Dias Guimarães chegou em casa, ela mesma o serviu. Ao comer a carne ele teria reclamado de sua qualidade, dizendo que estava dura e cheia de gordura, e sua esposa teria dito que ele não deveria reclamar já que ele estava comendo a carne do seio da rameira que ele gostava. Sem entender o que ela havia dito, mas não gostando do seu comportamento, ele a reprimiu, jogou o prato no chão e retirou-se da casa.

Ao anoitecer, a madrinha de Leocádia começou a procurar por ela. A notícia do seu desaparecimento espalhou-se pela vila e muitos se juntaram para ajudar na procura. Contudo, ninguém conseguiu notícias sobre ela. Por dias a procuraram, mas ninguém soube de nada, até que no terceiro dia um vaqueiro encontrou, acidentalmente, o seu corpo. Ele estava tangendo o gado, que na época era criado à solta, e ao ver muitos urubus em volta do caldeirão foi verificar o que estava acontecendo e viu parte do corpo de Leocádia flutuando. Ele foi até a vila levar a notícia, o coronel José Pedro Dias Guimarães e muitos populares o seguiram até o lajedo Caiçara. Lá resgataram o corpo dela e o enterraram logo no final do lajedo, cerca de 200 metros do caldeirão, pois o corpo estava em estágio avançado de putrefação e não aguentaria ser carregado até o cemitério da vila.

Durante o resgate do corpo, foi notado que um de seus seios havia sido decepado e que o arreio que o prendia a uma pedra era o da cela do cavado de Marcolino. O coronel José Pedro Dias Guimarães ao ver o corpo sem um dos seios lembrou-se do que a sua esposa havia lhe dito e falou perplexo que ela o havia cozinhado e lhe servido como almoço. Muitos comentaram terem visto Sebastião, amigo e companheiro inseparável de trabalho de Marcolino, cavalgando loucamente e gritando: - coitada, pobre moça, morreu inocente. Ele foi encontrado morto, em um matagal, cujo local corresponde ao atual município de Malhada. Marcolino foi encontrado morto na gruta conhecida como toca do índio.

Com a descoberta do assassinato e temendo a ocorrência de alguma repressão popular, dona Raquel fugiu para Pitangueiras, interior de São Paulo. Lá, manifestou sintomas de lepra,

¹² Caldeirão: buraco natural ou artificial situado em superfície rochosa - conhecida como lajedo - que armazena água minada e água da chuva. O caldeirão é muito utilizado na região por ele ser uma fonte viável de água em períodos de seca.

que era considerada uma das mais terríveis doenças na época. Tal enfermidade causou-lhe uma morte lenta e dolorosa.

O assassinato de Leocádia provocou grande comoção nos habitantes da vila, que começaram a visitar frequentemente o seu túmulo e orar por aquela que eles acreditavam ser uma jovem inocente, vítima do ódio alheio. As visitas e orações começaram a ter uma frequência cada vez maior e outras manifestações religiosas, como vigílias e ladainhas começaram a acontecer no local. As orações que inicialmente eram feitas para almejar descanso e paz a Leocádia, cederam lugar para a de pedidos pessoais de ajuda. O êxito desses pedidos, bem como a propagação deles, ajudaram a divulgar e consolidar a imagem de uma santa. Desde então, Leocádia passou a ser chamada de santa Leocádia e em todos os anos, nas sextas-feiras santas acontece uma romaria dedicada a ela.

Devoção à santa Leocádia

As orações a Leocádia começaram desde o momento que se tomaram conhecimento do seu assassinato. Faziam-se inicialmente votos para que ela usufrísse de descanso e paz, já que, assim como a maioria dos habitantes do lugar, teve uma vida castigada em decorrência da pesada labuta do sertão. Como já abordado, Guanambi, no final do século XIX, era uma pequena vila, de nome Beija-flor, formada por modestas casas de taipas, pau-a-pique, com poucas exceções das casas das grandes fazendas. Não havia igrejas, escolas, posto de atenção à saúde, a vila ficava na dependência das atuais cidades vizinhas de Caetité e Palmas de Monte Alto, que eram bem mais desenvolvidas naquela época. Não existia energia elétrica, a iluminação ficava a cargo dos candeeiros abastecidos com óleo de mamona, comum na região. Também não havia sistema de abastecimento de água. Por se tratar de uma área de caatinga, as estiagens eram constantes e severas; aliás, foi por essa razão que se deu início à construção da tapagem, represa rudimentar, que exigia muito esforço braçal e movimentava toda a vila. Carlos¹³, devoto fervoroso de santa Leocádia, fala como era a labuta que ela e muitos outros levavam naquela época, histórias que seu avô lhe contava.

“Meu avô trabalhou com ela na tapagem. Ela era franzina, bem magrinha mesmo, mas não fazia corpo mole não, trabalhava mais que

¹³ Para preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por outros comentados utilizados no Brasil, escolhidos aleatoriamente, respeitando-se apenas o gênero que o nome substituto representa.

muita gente grande. Naquela época a vida era mais difícil, o povo sofria muito com a falta d'água. O trabalho da tapagem era importante e todo mundo trabalhava pesado lá. Foi mais de ano pra ficar pronta, mas santa Leocádia morreu antes do serviço acabar. Deram fim com a vida dela. Quando mataram ela, o povo todo ficou sentido. Foi muita maldade. Ela não merecia o que fizeram com ela não.” (Devoto Carlos).

Durante as entrevistas, vários relatos foram de encontro ao de Carlos, como o da devota Mariana, por exemplo:

“Santa Leocádia tinha uma vida castigada, de gente pobre mesmo. Minha avó era amiga dela, ela era magrinha, vivia passando necessidades. Quando não tava trabalhando na tapagem a pobrezinha lavava a roupa aqui no lajedo. Foi quando pegaram ela, quando ela lavava a roupa. Judiarão dela, cortaram ela todinha e arrancaram o seu seio. Mataram ela inocente.” (Devota Mariana).

Assim como na fala de Carlos e Mariana e de muitos outros devotos, na literatura guanambiense Leocádia é descrita semelhantemente. Uma jovem inocente, de vida sofrida, dignificada pelo trabalho, e de destino infeliz.

“A pobre vítima, ignorando o tenebroso plano arquitetado por Dona Raquel para o seu assassinato, foi lavar a própria roupa nos pequenos “caldeirões” da “Caiçara”, nas proximidades do arraial; ali ela foi fria e barbaramente assassinada, seu cadáver mutilado, atado a blocos de pedra, atirado dentro do ‘caldeirão’!” (Teixeira, 1967, p.69).

“Quando foi brutalmente atacada, morta e o seu corpo jogado num poço. Seu seio foi retirado e entregue à D. Raquel.” (Secretaria Municipal de Educação, 1996, p. 20).

“Certa vez, ao sair de casa para lavar roupa nos tanques da Caiçara, Leocádia foi subitamente agarrada por dois homens – Tião de Março e Marcolino – a mando de dona Raquel, que num crime sórdido, ordenou-lhes que matassem a pobre moça.” (Cotrin, 1994, p. 53–54).

Quando o corpo de Leocádia foi encontrado, muitos populares foram ao local e, devido ao avançado estado de deterioração que ele estava, o enterraram ali próximo. Diante da boa imagem da qual gozava e da proximidade que ela tinha com os habitantes da antiga

Guanambi, é natural que o seu assassinato tenha provocado comoção local e orações com votos de descanso e paz em seu enterro. Além do mais, segundo a tradição cristã, é dever fazer orações de consolo em momentos como esse, como decreta o cânone 1176 do Código do Direito Canônico. “§ 1. Devem fazer-se exéquias eclesiásticas aos fiéis defuntos, segundo as normas do direito.” (Código do Direito Canônico, 1983, Cân. 1176, § 1.) De acordo com o referido código, o objetivo é fornecer auxílio espiritual para os defuntos e honrar os seus corpos e, ao mesmo tempo, proporcionar consolo aos vivos. O funeral de Leocádia é descrito como um evento comovente.

“Muita gente ali assistia / Foi comovente aquele dia / Triste até pra se contar.” (Teixeira, 1990, p. 15).

“Meu tio estava lá quando acharam o corpo dela e enterraram. Foi o maior alvoçoro. Muita gente chorou e passou mal quando viu o corpo da santa todo cortado e com cheiro forte já. Mas o rosto dela tava perfeito, bonito, sem igual.” (Devoto Miguel)

“Leocádia havia sido vítima de um monstruoso crime e, então, a solidariedade humana, em nenhum tempo nesta parte do Sertão, se manifestou tão expressiva e tão espontânea, porque a população, emocionadamente abalada, pedia a elucidação do crime para a punição do culpado.” (Teixeira, 1967, p. 69).

O sentimento de compaixão diante da dor do outro pode evidenciar uma desigualdade social, como indica Hanna Arendt (1971), entre aqueles que sofrem, despossuídos de bens, como era o caso de Leocádia e dos trabalhadores da tapagem, e os que não sofrem, detentores de bens, que eram as famílias dos fazendeiros/coronéis¹⁴, autoridades locais. Tal dicotomia social é retratada abaixo pelo verso de um cordel local:

“Os coronéis dominavam tudo / Do trabalho ao abastecimento / As regras e as leis eles faziam / De acordo com seus intentos / Mandavam e desmandavam / Quem não gostasse eles matavam / E não tinha contra-tempo.” (Teixeira, 1990, p. 9)

¹⁴ Oliveira Vianna (1920,1923) constatou, em propriedades com características rurais no sul do Brasil, a existência de uma grande distância social entre os fazendeiros e os trabalhadores da gleba. Essa ideia de dicotomia social é ampliada e trabalhada por Gilberto Freyre (1933, 1936), que mostra o funcionamento do meio rural brasileiro entre casa grande e senzala, inexistindo, do ponto de vista sócio-econômico, uma camada intermediária.

Além da crueldade do assassinato de Leocádia e de seus reflexos sociais, outro item que chama atenção para este estudo é o fato de, tanto na literatura, quanto na oralidade, a sua beleza física se manter soberana. Ela permanece com o rosto belo, intacto mesmo após a morte.

“Quando acharam o corpo dela, ele estava todo picotado, se desmanchando já. O rosto não estava, continuava do mesmo jeitinho, lindo, lindo, como se não tivesse acontecido nada.” (Devota Márcia).

“A beleza daquele rosto era maior, porque sua palidez fazia um misto de pureza, de candura e de fragilidade.” (Guimarães, 1991, p 51).

“O rosto dela tava perfeito. Cara de anjo, quero dizer de santa, rosto de santa mesmo.” (Devoto Paulo).

A beleza física de Leocádia é constantemente enaltecida como se essa fosse uma evidência do divino, do puro, do bom; certamente uma influência do mundo grego. “Um dos traços centrais da religião grega é a beleza de seus deuses.” (Pinheiro, 2010, p.01) Segundo Marcus Reis Pinheiro, a beleza está intimamente conectada com noções outras que remetem à excelência. O ser belo é ser bom, puro, virtuoso, herói. Assim, se pode falar de um imperativo estético incitado pela religião da Grécia. Leocádia era bela.

“Ela era um jovem bonita / Corpo esguiu e bem aprumado / Pele clara e olhos brilhantes / Seios graúdos e arredondados / Cabelos claros até a cintura / Largos quadris e boa postura / Andar firme e cadenciado.” (Teixeira, 1990, p. 5).

“Pele clara, cabelos castanhos e lisos, caídos pelos ombros. Lábios finos de pouco sorriso. Os olhos castanhos amendoados estavam sempre fixos no além ou, diria eu, naquilo que não se vê. Se aquele rosto é o espelho da alma, que bela alma não deve ter tido aquele rosto! Rosto bonito num corpo bem feito de uma sertaneja pura.” (Guimarães, 1991, p 36).

“Santa Leocádia era bonita demais. Meu avô vivia me dizendo que não existia na face da terra moça mais bonita que ela. Não dá nem pra imaginar que puderam dar cabo da vida dela.” (Devoto Saulo).

Os jagunços que a assassinaram, Marcolino e Sebastião, foram encontrados mortos. O primeiro na gruta Toca do Índio, cerca de cinco quilômetros do centro de Guanambi; o segundo, em um matagal no atual município de Malhada, Bahia. O provérbio “quem com ferro fere, com ferro será ferido” foi pronunciado diversas vezes por vários devotos ao se referirem do destino que esses algozes tiveram. Provérbios são expressões populares atemporais, carregadas de ideologia e tidos como verdade absoluta (Santos, 2012). Eles possuem uma função viva, são ditos correntes entre o povo, cuja estrutura fônica - entonação, métrica e ritmo, assonâncias e rimas –, derivada da poesia românica da Idade Média, faz com que a mensagem proverbial seja de fácil memorização, com teor frequentemente doutrinal. Tais unidades fraseológicas são caracterizadas externamente por concisão e brevidade; internamente, devido ao seu caráter semântico, por valores gerais referendados a gerações. Eles devem ser obrigatoriamente seguidos, em respeito ao legado.

“Os provérbios e sua tradição sempre remeteram à educação moral, e nesse aspecto em particular, os provérbios brasileiros têm suas raízes mais profundas na tradição proverbial da Idade Média, que por sua vez, está ancorada na tradição sapiencial bíblica.” (Lúlio, 2007, p. 2).

Etimologicamente, o termo provérbio, do latim *proverbium*, é uma aglutinação do advérbio *pro*, “a frente de, a favor de”, entendido aqui como prevérbio, com o substantivo *verbum*, “verbo, palavra”. Traduzindo-o, significa a frente do verbo, favorável ao verbo. Há, portanto, uma exaltação retórica, uma implicação oracular e sacra, características essas cristalizadas pela Bíblia, tendo o livro Provérbios (Provérbios de Salomão) como o principal representante. O provérbio em questão neste estudo – quem com ferro fere, com ferro será ferido – indica uma punição divina. Os capangas morreram porque mataram. Tratam-se de mortes misteriosas. Marcolino e Sebastião foram encontrados mortos e na ausência de indícios e suspeitos do crime, a autoria do acontecido recai em obra de Deus. O castigo mais severo ficou reservado para dona Raquel, descrita como dantesca e diabólica.

“O que desejava era completar um plano tão diabólico e dantesco, quanto dantesca e diabólica era a mente criadora do plano.” (Guimarães, 1991, p 78).

Dona Raquel fugiu para a cidade de Pitangueiras, São Paulo, onde a lepra¹⁵ manifestou-se em seu corpo. A lepra era considerada a doença mais temível na época,

¹⁵ “No Brasil, a doença é chamada de Hanseníase, mas é conhecida mundialmente por lepra e, ainda, por morfêia ou mal de Lázaro.” (Cunha, 200, p 08). A história da hanseníase começou efetivamente em fevereiro de 1874, quando o médico norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen descobriu o primeiro bacilo causador da

proporcionando-lhe uma vida de sofrimentos físico e social. Nos tempos bíblicos, antigo e novo testamento, os leprosos eram considerados impuros. O próprio Deus disse que os casos que possam se tratar de lepra, deverão ser conduzidos a Aarão, o sacerdote, que após confirmação da doença os declarará impuros (Levítico 13 – 14). “A Bíblia não menciona de maneira explícita e inequívoca a hanseníase.” (Browne, 2000, p. 16). Sendo assim, a lepra era utilizada de forma generalizada para designar doenças cutâneas deformantes. O desconhecimento de sua cura reforçava a ideia de castigo divino; portanto, fora do alcance de tratamentos médicos. Ela era vista como a pior de todas as desgraças possíveis, mais temida do que a própria morte.

“Na versão de Béroutl do romance *Tristão e Isolda*, escrita no final do século XII, o rei Marcos é convencido a entregar Isolda, culpada de adultério, a um grupo de leprosos, pois este seria um castigo pior que a morte na fogueira, uma vez que duraria muito mais.” (Pinto, 1995, p. 136).

Apesar de na Bíblia existir casos em que a lepra aparece como sinal de redenção como Jó, Lázaro e aqueles purificados por Cristo, o que vigora é o sentido de punição, cristalizado durante o período medieval, época do surto da doença na Europa. As deformidades físicas provocadas pela doença eram vistas como reflexo de uma alma pecaminosa. Ela “é a prova corporal do pecado: a corrupção da carne manifesta a da alma.” (Schmitt, 1990, p.272). Todo esse pensamento sobre a lepra está presente na forma a qual dona Raquel é retratada.

“Mas há um Deus-pai justiceiro, / Supremo, eterno e verdadeiro... / Dizem que lá em São Paulo / Pegou uma doença perigosa / Sofreu até o último minuto / Com sua sina horrorosa / Morreu numa triste situação / Perseguida pela maldição / De sua alma negra e criminoso.” (Teixeira, 1990, p. 18).

Considerando a premissa da existência do temor inerente a tudo o que é sagrado, é possível afirmar que o destino trágico que os supracitados (Marcolino, Sebastião e Raquel) tiveram contribuiu significativamente para a construção e consolidação de uma Leocádia santificada. Já que não se pode tocar impunemente o que é sagrado. Contribuição igualmente importante é a maneira a qual ela é discursivizada: uma jovem humilde, sofrida, batalhadora, de notável beleza física e vítima da maldade alheia, características comuns a de muitos santos

lepra. Trata-se uma bactéria em forma de bacilo, a *mycobacterium leprae*, chamada também de bacilo-de-hansen. Atualmente, o Brasil é o país com o maior índice de prevalência da doença em todo o mundo.

católicos. A data da ocorrência do seu assassinato também é digna de reflexão. Ele ocorreu em 23 de fevereiro de 1890, em plena quaresma, que nesse ano teve início no dia 18 de fevereiro, quarta-feira de cinzas.

“Logo que enterraram a santa já começaram com as orações. Minha bisã me contou que nunca viu uma quaresma tão bonita como aquela. Tinha dia que o povo cantava ladainhas até o sol nascer.” (Devota Helena).

A quaresma é um período importante tanto para a religião cristã, quanto para o catolicismo rural praticado em Guanambi, que desde a sua formação, primeira década do século XIX, é marcado por um povo extremamente religioso. O próprio nome da cidade deriva das novenas realizadas por Belarminda, nas primeiras décadas de 1800 e significa beija-flor em tupi-guarani, derivado das palavras *guainumbi*, *guanumbi*, *guanambi* (Ariel et al, 1999; Teixeira, 1967). Belarminda era devota de santo Antônio e possuía uma imagem dele em sua casa. Na época das novenas, pessoas da região iam até a sua residência para prestar homenagens ao referido santo e participar da festa popular, que só começava após o ritual do beijo.

“Inicialmente, as pessoas chegavam àquela residência e faziam suas orações a Santo Antônio, em seguida, a imagem do santo era beijada pelos integrantes do evento. A escolhida para dar o primeiro beijo era sempre Florinda, filha da anfitriã Belarminda e conhecida pelas redondezas como a moça mais bonita da região. No momento do beijo, ecoavam palavras de ordem: – “Beija Flor”, – “Beija Flor”, – “Beija Flor”. Só após o referido ritual, a festa, com músicas, bebidas e comidas, começava de fato. A expressão “Beija Flor” permanecia na lembrança de muitos dos participantes e o lugar, situado nas margens do Rio Belém, mais precisamente na baixada do rio onde se formava uma pequena represa, passou a ser chamado de Beija-Flor.” (Pereira, 2010, p. 22).

As constantes comemorações foram responsáveis por uma certa forma de habitar o espaço. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) disserta sobre essa facilidade de mobilidade espacial, comum no meio rural brasileiro desde os tempos coloniais. “A pobreza de seu gênero de vida lhes facilitava a partida; a casa de pau-a-pique e de sopapo era facilmente abandonada e reconstruída mais adiante, os pobres utensílios e objetos não eram difíceis de carregar.” (Queiroz, 1973, p. 12) Os frequentadores das novenas passaram a construir suas

casas próximas à imagem do santo, na baixada do rio, no terreno pertencente à fazenda Carnaibas de Dentro, dando origem a atual cidade¹⁶. Nos primeiros dias do ano de 1881 fora instalado um cruzeiro¹⁷ na praça da antiga Guanambi, Praça Largo do Cruzeiro, atual Praça Gercino Coelho, para registrar a existência da vila. (Cotrin, 1994; Secretaria Municipal de Educação, 1996). Como não havia nenhum representante da Igreja que residisse por lá, eram os próprios habitantes os responsáveis pelos eventos religiosos, que eram realizados coletivamente ao pé do referido monumento, que servia de referência espacial geográfica e social para a vila. Com o tempo, tal símbolo religioso foi levado em procissão, no ano de 1945, e fixado definitivamente ao lado do túmulo de Leocádia. A transferência conduzida por populares da grande cruz, afirma a importância do túmulo de Leocádia para a religiosidade local, dando maior visibilidade e reconhecimento às manifestações religiosas realizadas por lá. Dentre elas, as procissões são as que mais se destacam principalmente, mas não somente, por seu caráter de manifestação pública. Jacob Burckhardt (1974) lembra que na Grécia Antiga toda festa religiosa começava com uma procissão. As procissões faziam parte do cotidiano, havia diversas procissões para glorificar diferentes deuses, pluralidade preservada pelo catolicismo até os dias de hoje. Apesar de o dia da morte de Leocádia ser conhecido, já que ele está inscrito em seu túmulo, as procissões anuais em sua homenagem acontecem em outra data, nas sextas-feiras santas, conhecida também como sexta-feira da paixão, dia que simboliza a crucificação de Jesus Cristo. Há, portanto, um deslocamento da data do seu sofrimento maior, associando-a com a de Cristo. Ricardo Luiz de Souza (2013), em seus estudos sobre aspectos devocionais do catolicismo popular brasileiro, disserta sobre diversas procissões e afirma que as realizadas nas sextas-feiras santas são as mais opulentas. Isso porque, segundo ele, “a religião do sertanejo privilegiava antes a dor que a alegria.” (Souza, 2013, p. 42). O sofrimento funcionaria como um forte elo entre o fiel e Cristo (Le Goff; Truong, 2006). Em virtude desse entendimento surgiu, no período medieval, o exercício das

¹⁶ Durante o mestrado pesquisei, entre outras coisas, as novenas realizadas na casa de Belarminda, que deram origem a formação da cidade de Guanambi. Para maiores detalhes sobre esses eventos religiosos e a história da construção da referida cidade, indico os capítulos 1 e 2 da minha dissertação “Memória e discurso religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA”.

¹⁷ O cruzeiro, no período que antecede a era cristã, era utilizado como ferramenta de humilhação pública de homens considerados corrompidos. Eles eram crucificados e permaneciam na cruz mesmo depois de mortos. Isso porque, por serem considerados impuros não deveriam ser enterrados, já que a terra, considerada sagrada, não poderia tornar-se impura também, contaminada pelo sepultamento. Na Bíblia, há exemplos de pessoas consideradas corrompidas e que foram crucificadas juntamente com Jesus Cristo. “Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, o outro à esquerda. E cumpriu-se a escritura que diz: E ele foi contado entre os malfeitores.” (Marcos 15:27-28). Atualmente, o cruzeiro é um importante símbolo cristão e representa a ressurreição de Cristo.

penitências durante as procissões. A penitência é um dos sete sacramentos¹⁸ da Igreja e, de acordo com a instituição, é o meio pelo qual o servo reconhece as suas faltas e, se delas estiver arrependido, é perdoado por Deus (Código do Direito Canônico, 1983, Cân. 959). Daí, o sacramento ser denominado de reconciliação/penitência. Em Guanambi, é comum os devotos de santa Leocádia carregarem pedras e vasilhas com água durante a procissão como atos de penitência. O esforço empregado na tarefa funciona como uma autopunição capaz de purificar a alma.

“A pedra é pra pagar os pecados.” (Devoto Fábio).

Durante a pesquisa de campo percebi que o período de maior movimentação é no início da manhã, entre as 5 e 9 horas. Questionei muitos devotos sobre o porquê de irem à Leocádia e as respostas encontradas foram as seguintes: “Vim cumprir com a minha obrigação” ou “Primeiro a obrigação”. Isso explica o fato de as visitas ocorrerem, principalmente, nas primeiras horas do dia. O vocábulo “obrigação” traz consigo uma série de pré-construídos, segundo a qual estar em Leocádia corresponde a um dever, que neste caso é ordem religiosa, como ilustra a seguinte passagem bíblica. “Se fazes uma promessa a Deus, não tardes em cumpri-la, porque Deus não gosta dos insensatos. Cumpri o que prometeste. Mais vale não fazer uma promessa, do que fazê-la e não cumpri-la.” (Eclesiastes 5:3-4).

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Lisboa: Moraes Editores, 1971.

ARIEL, Acácio Cláudio; et all. *Guanambi: nossa terra, nossa gente, nosso orgulho*. Guanambi, 1999.

AUGRAS, Monique Rose Aimée. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora 1985 [1973].

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

BROWNE, Stanley George. *Lepra na Bíblia: estigma e realidade*. Trad. Vera Ellert Ochsenhofer. Viçosa : Ultimato, 2003 [1979].

¹⁸ Os sacramentos da Igreja Católica são, por ela entendidos, como um gesto divino instituído por Jesus Cristo. São ao todo sete: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Reconciliação ou Penitência, Unção dos Enfermos ou Ordem e Matrimônio.

- BURCKHARDT, Jacob. *História de la cultura griega*. Barcelona: Editorial Iberia, 1974.
- CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. et alii. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- Código de Direito Canônico. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa. 1983.
- CONTI, Servilio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- COTRIN. Dário Teixeira. *Guanambi: aspectos históricos e genealógicos*. Guanambi, 1994.
- CUNHA, Ana Zoe Schilling da. *Hanseníase: a história de um problema de saúde*. Edunisc, 2000.
- DOUILLET, Jacques. *Que é um santo? Sei e creio, enciclopédia do católico no século XX*. Quarta parte: a vida em Deus, os mediadores. Trad. Lucia J. Villela. Editora Flamboyant. 1960.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1912].
- FO, Jacopo; MALUCELLI, Laura; TOMAT, Sergio. *O Livro Negro do Cristianismo - Dois Mil Anos de Crimes Em Nome de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- FOXE, John. *O Livro dos Mártires*. Trad. Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e senzala*. Rio de Janeiro: Aguilar. (1971) [1933].
- _____. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936.
- GUIMARÃES, Elísio Cardoso. *Leocádia: romance histórico*. Guanambi, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006 [1950].
- HEAD, Thomas. *Hagiography e the cult of saints*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações da religiosidade popular*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LE GOFF, Jaques; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LÚLIO, Raimundo. *O livro dos mil provérbios (1302)*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- PEREIRA, Thiaquelliny Teixeira. *Memória e Discurso Religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Bahia, 2010.
- PINHEIRO, Marcus Reis. *Religião e estética na Grécia Antiga*. Revista Exagium. Nº 8. Ouro Preto. 2010.

- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *O estigma do pecado: a lepra durante a Idade Média*. Physis – Revista de Saúde Coletiva. Volume 05. Nº 08. Rio de Janeiro. 1995
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O catolicismo rústico no Brasil*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº 5. São Paulo, p.103-123, 1968.
- SANTOS, Ana Paula Gonçalves. *Análise da escolha lexical no estudo de provérbios em LDP*. Anais do SIELP. Volume 2, Nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- SCHMITT, Jean Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Guanambi, de flor em flor*. Guanambi, 1996.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. *Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular*. Natal: IFRN, 2013.
- TEIXEIRA, Domingos Antônio. *Respingos históricos*. Guanambi, 1967.
- TEIXEIRA, José Roberto. Cordel. *Vida e morte de Leocádia*. Guanambi, 1980.
- VAUCHEZ, André. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2ème éd. Roma: École française de Rome, 1981.
- _____. *Saints admirables et saints imitables: Les fonctions de l'hagiographie on-elles change aux derniers siècles du Moyen Age?*. In: Les fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe-XIIIe siècle). Roma: École Française de Rome, 1991. pp. 162 – 172.
- VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. [1920].